

A DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA E SEUS REFLEXOS NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM EM ESTUDANTES BRASILEIROS

Rafaela Komatzu Huayanca, Maria Amélia da Silva Alves de Almeida.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, rafakomatzu@gmail.com, mariamelia@univap.br.

Resumo – Este trabalho apresenta uma abordagem acerca da discriminação étnica em estudantes brasileiros, a fim de destacar seus reflexos no processo ensino aprendizagem e seu impacto na educação. Levantou-se dados preliminares sobre o cenário diversificado que o Brasil demonstra. Destacou-se a discriminação étnica como um dos fatores mais prejudiciais em questões de desenvolvimento cognitivo e social. Verificou-se que os efeitos dessa transgressão aos direitos humanos implicam na desvantagem aos estudantes discriminados e também na qualidade da educação; levando a complicações maiores, como o alto índice de analfabetismo no país. Concluiu-se que a discriminação étnica em aulistas configura-se em uma problemática relevante, que embora seja um assunto, o qual, muitas pessoas conheçam, a solução para tal contexto ainda não tem sido eficaz o suficiente.

Palavras-chave: Discriminação étnica, educação, diferenças, estudantes, professores.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país conhecido pela sua enorme diversidade étnica, cultural e social, abrangendo, desse modo, povos de diferentes descendências, como a de europeus, africanos, asiáticos, índios, entre outros que fazem parte dessa cultura de miscigenação. Envolve também pessoas de diferentes camadas sociais. Ricos e pobres convivem (não raras vezes) em um mesmo meio, e dessa forma, deveriam eles usufruir desse meio para aprender uns com os outros os diferentes conhecimentos e culturas que cada um possui, trocando ideias dessemelhantes e contribuindo para o crescimento da moral, intelectual e cultura da sociedade.

Em um contexto escolar, as diversidades também se encontram presentes; cada aluno com sua individualidade e com histórias diferentes de vida em um mesmo ambiente educativo. Essa questão deveria ser um fator positivo em sala de aula, onde a heterogeneidade seria um instrumento para maior interação social, e a aprendizagem ocorresse a partir do compartilhamento de conhecimentos, culturas e histórias (Marcos de Freitas Santos, 2014), ou seja, a diversidade étnica, social e consequentemente cultural, deveria, por suposto, ser vista pela sociedade como uma oportunidade de contato com outros pontos de vista, outros saberes que enriqueceriam sua formação tanto escolar, quanto pessoal. No entanto, grande parte das vezes, não é o que sucede, e essa diversidade que poderia ser um adequado fator para a melhoria da educação, torna-se um legado negativo, provocando efeitos como a discriminação, gerada pelo preconceito. A pessoa preconceituosa se torna intolerante, não aceita a igualdade entre etnias, com convicção de que ela é melhor que qualquer outra; dessa forma, discrimina, violentamente ou não.

Muitas escolas do Brasil, país que evidencia elevado nível de diferença social, convivem com essa discriminação entre alunos e professores, apresentando certa exclusão social que veda o acesso de bens materiais e culturais provenientes da sociedade, e também a participação das vítimas dessa transgressão dos direitos humanos a pressuposta democracia. Viu-se também que muitos dos discriminados têm como resultado a depressão, a baixa autoestima e a ansiedade; de modo a refletir no processo de ensino aprendizagem, resultando no rendimento escolar indesejado, o que lhe atrasa intelectualmente; a dificuldade de socialização, o que lhe torna uma pessoa cada vez mais apreensiva a expressar suas potencialidades; e gerando, com todas essas conseqüências, um futuro profissional prejudicado.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é apresentar os reflexos que podem ser provocados no processo de ensino aprendizagem aos estudantes brasileiros; partindo da diferença social, do preconceito e da discriminação étnica. Abordar as conseqüências sofridas no decorrer da vida escolar dos estudantes vítimas dessa discriminação, e como se dá o efeito de retorno e auto-retorno dessas mesmas pessoas na questão educacional, pois ao que se imagina, os resultados dessa questão são evidenciados de forma negativa na maioria das vezes. Ressaltando também que, embora seja um assunto pelo qual, muitas pessoas conhecem e identificam no cotidiano, as soluções para tal não têm sido eficazes o suficiente para aniquilá-lo substancialmente.

METODOLOGIA

Este artigo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica fundamentada em autores que abordam temas voltados à discriminação social, cultural e principalmente étnica. Foram importantes para esse projeto de pesquisa os autores: LOPES; NOGUEIRA, Tayrin de Barros; Dos SANTOS, Geovana Maria; FONSECA, Grazzieni Clemente; SANTOS, Marcos de Freitas; MOREIRA, Adilson; COSTA, Heryka de Moura; ALVEZ, Antônia Regina dos Santos Abreu; De SOUSA, Lucas Leal Lima; PINEHRIO, Tarciana dos Santos; De SOUSA, Fernanda Oliveira; e ZARPELON, Ana Paula Ruggini.

Os mencionados autores contribuíram, com suas obras publicadas, para a realização desse artigo, que buscou a interdisciplinaridade de diferentes fragmentos conteudistas; temas que se completaram e se complementaram para a formação de uma nova ideia sobre como o estudante reflete sob os atos de discriminação étnica em relação ao ensino aprendizagem.

RESULTADOS

A partir das pesquisas bibliográficas realizadas, verificou-se que a diferença de etnias pode causar resultados negativos, considerando que essa diferença possa gerar (em muitas pessoas) certa individualidade egocêntrica, ou seja, o indivíduo coloca-se como melhor perante as outras etnias existentes, e desentende a importância da diversidade como fator essencial para a formação de um bom cidadão. Ele não se tolera a aprender com a diversidade, discriminando os que são diferentes dele próprio.

Em se tratando do meio de ensino, surge a questão de como as vítimas dessa transgressão dos direitos humanos apresentam seus desenvolvimentos escolares; e para entender melhor o que acontece, buscou-se a priori dados em quantidade/porcentagem das pessoas brasileiras que têm acesso à educação e, por conseguinte, frequentam a escola. Assim, destaca-se as informações sobre essa questão, obtidas no ano de 2014, as quais são apresentadas na tabela 1, abaixo.

A tabela 1 apresenta, conforme as etnias brasileiras, um comparativo percentual da frequência escolar entre estudantes na faixa etária de 4 a 5 anos, fase comum em que se inicia a alfabetização, e a porcentagem de estudantes na faixa de 15 a 17 anos de idade, fase em que novas formações escolares (como o Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Técnico, entre outros cursos), acontecem.

Tabela 1: Comparativo percentual de crianças/jovens que frequentam a escola

| Etnias | 4 e 5 anos de idade | 15 a 17 anos de idade |
|---------------|----------------------------|------------------------------|
| Branco | 91,3% | 86,6% |
| Negro | 87,8% | 80,6% |
| Pardo | 87,5% | 79,9% |
| Total | 89,1% | 82,6% |

Fonte: IBGE 2014

Objetivando-se analisar o comparativo de estudantes dos diferentes níveis de idade, notou-se que a porcentagem de estudantes de 4 e 5 anos é significativamente maior que a porcentagem dos estudantes de 15 a 17 anos de idade. Isso indica que nem todos que iniciam na educação infantil, prosseguem na vida escolar, assim, muitos não se formam. E qual o motivo dessa queda percentual?

Sabe-se que dentre esse intervalo fases, houve um declínio considerável da frequência escolar. Relacionou-se a esse fato, possíveis explicações voltadas a motivos pelos quais muitos estudantes param de estudar, por exemplo: desinteresse pelos estudos, desincentivo tanto por parte da escola quanto da família, violência ou discriminação no meio de ensino. Ressalta-se nesta pesquisa, esse último motivo, como uma das grandes causas que prejudicam o estudante no processo de ensino aprendizagem; pois se ele sofre discriminação, pode se desinteressar pelos estudos, e se não há algum incentivo que o faça continuar a frequentar a escola, há a desistência da mesma instituição.

A discriminação no mencionado processo é muito mais danosa do que se pensa. Visto na tabela o declínio da porcentagem de pessoas que frequentam a escola, pode-se atribuir a discriminação étnica como um possível motivo pelo qual houve essas perdas de estudantes. E como justificativa a essa atribuição pode-se mencionar, primeiramente, o fato da dificuldade que o aluno discriminado tem com a construção de sua identidade perante as dificuldades de exclusão enfrentadas no ambiente educacional, isso por ficar à disposição das determinações do discriminador (LOPES, 2005, p. 189 *apud* PEREIRA; ANDRÉ, 2014, p. 66).

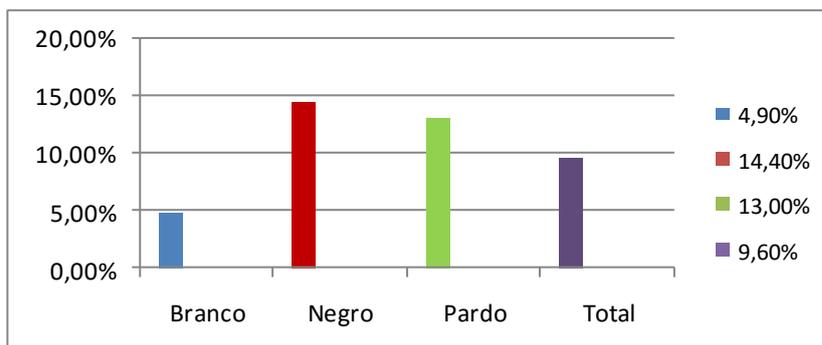
De acordo com a tabela apresentada sobre a comparação percentual de crianças e jovens que frequentam a escola e com o ponto colocado para a explicação da queda da mesma frequência, relacionando também todo contexto com situações cotidianas; nota-se que, no Brasil, quem mais sofre discriminação étnica são os negros e pardos. Esses, por sua vez, são os que mais são afetados no processo de ensino e aprendizagem. Sabe-se que a discriminação não parte somente dos estudantes, como pode também partir do educador. Outra situação que ocorre é a falta de preparo do professor em saber lidar com o cenário discriminatório, à vista disso, não solucionando tal problemática; pois se a maior autoridade da sala de aula não consegue resolver, o transtorno tende a continuar.

Com a prossecução da discriminação no ambiente escolar, os estudantes vítimas desse estorvo acabam por desenvolver comportamentos diferentes daqueles que não o sofrem. A discriminação pode causar no aluno repercussões iniciais como a vergonha (de manifestar suas opiniões e de se impor socialmente). Esse constrangimento pode levar ao sentimento de abandono, o que causa desconforto, procedendo (em diversas ocasiões) a depressão, o que implica um declínio na aprendizagem, afetando a concentração e a atenção do aluno. Melhor dizendo, suas funções cognitivas como raciocínio e memória alteram-se, perturbando o desempenho escolar (Nogueira; Santos; Fonseca, n.d., p. 3).

Tendo, o estudante discriminado, todas essas dificuldades postas a ele; o desinteresse pela frequência escolar pode surgir, pois o aluno acaba tornando-se desmotivado, ao enxergar a escola não como um local de descobertas e aprendizagem, e sim, como um local de apreensão e sofrimento; não possuem o auto-reconhecimento, considerando-se incapazes e inferiores. Esse desgosto provoca, para a vida do estudante vítima, consequências consternativas. O indivíduo pode acabar por desenvolver diferentes tipos de comportamento, desde o violento, pelo fato de gerar certa revolta a ele, refletindo de forma desagradável perante a sociedade em que está inserido; até o tímido, por criar certa insegurança dentro de si, tendo dificuldades de socialização e de autoincursão no meio em que vive. Sendo o discriminado, possuidor de um dos possíveis comportamentos mencionados; infere-se que é provável que ele se sinta desconfortável em determinados ambientes, como por exemplo a escola, meio de origem desse infortúnio.

Tal circunstância transcende pela interrupção dos estudos, bem como pelo fato do educando não mais suportar o ambiente educativo devido as discriminações sofridas. Isso pode-se relacionar também ao quadro de analfabetismo no Brasil; visto que, se não há estudo (tratando da fase principiante de aprendizagem) a pessoa cresce analfabeta plena (não sabendo ler e/ou escrever) ou analfabeta funcional (tendo o conhecimento da escrita, porém, não conseguindo interpretá-la). Pode-se destacar, assim, a discriminação étnica como um possível motivo, também, para o acarreto do existente índice de analfabetismo no Brasil, pois é verossímil à relação entre essas duas questões (figura 1).

Figura 1: Índice de analfabetismo por etnias



Fonte: IBGE 2010

O gráfico acima (figura 1) implica a relação da discriminação étnica como uma das explicações do analfabetismo no Brasil; visto que, como pontuado, as etnias: negra e parda encontram-se como mais elevadas dentre os analfabetos brasileiros, demonstrado na figura.

DISCUSSÃO

De todos os obstáculos a serem enfrentados no dia a dias, o que mais prejudica a melhoria da qualidade de inserção na educação é demonstrado na significativa diversidade étnica brasileira. Percebe-se que a quantidade percentual de negros e pardos frequentadores das escolas, foi a que mais decaiu, considerando as faixas etárias assinaladas nas pesquisas.

Portanto, entre as duas faixas de idade (de 4 a 5, e 15 a 17 anos), apresentam: a de negros, uma diferença de 7,2% e a de pardos 7,6%; enquanto a de brancos decaiu 4,7% e a queda total gerando uma média de 6,5%

A acessibilidade e permanência no ensino formal demonstram serem as únicas soluções que possa resolver a problemática da inserção étnica no Brasil. Precisa-se de maior incentivo e valorização dos governos nesta área social, e maiores intervenções do pedagogo junto à família e outros profissionais em tal cenário, possibilitando, dessa forma, que todas as etnias tenham plena consciência do valor que representam para uma nação.

CONCLUSÃO

Considerar e reconhecer a diversidade étnica cultural, não significa a negação da existência de características semelhantes e em comum. Compreende-se a ideia de discriminação como todo tipo de tratamento, consciente ou inconsciente, intencional ou não intencional; que coloca determinados grupos em uma situação de desvantagem social. (MOREIRA, 2017)

O Brasil, sendo um país de grande desigualdade social e, portanto, possuidor de vasta pluralidade cultural, leva a interferência, por meio da presente pesquisa, que as diferenças físicas humanas são traços fundamentais para o desenvolvimento e construção de determinadas identidades pessoais e nacionais; traços que fazem parte da história de formação de cada indivíduo. Sem esse autoconhecimento, através da construção de sua identidade, não se forma cidadãos ativos e atuantes (ZARPELON, 2010)

Constatou-se também que, infelizmente ainda não foi alcançado o êxito na questão do acesso e da continuidade nos estudos formais pelas etnias, fato registrado no presente trabalho, considerando fontes que datam de 2010 a 2014.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para o debate sobre o tema, pela inserção da dimensão humana como possibilidade de conscientização da população na construção de uma sociedade mais solidária e menos desigual.

RERERÊNCIAS

LOPES, 2005, p. 189 *apud* PEREIRA; ANDRÉ, 2014, p. 66. **DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO AMBIENTE ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES.** / 2014. Revista Científica Internacional. – n° 30, volume IX, artigo n° 4. Disponível em: <<file:///C:/Users/pelon/Downloads/291-643-1-SM.pdf>>. Acesso em: abr. 2018.

NOGUEIRA; SANTOS; FONSECA. **IMPLICAÇÕES DA DEPRESSÃO NO RENDIMENTO ESCOLAR DA CRIANÇA.**-- n.d., p. 3./ Tayrine de Barros noqueira; Geovana maria dos Santos; Grazzieni Clemente Fonseca. Disponível em: <http://www.unipacto.com.br/revista2/arquivos_dia_09-04/implica%C3%A7oes.pdf> Acesso em: abr. 2018.

SANTOS, Marcos de Freitas. **A DISCRIMINAÇÃO RACIAL E SEUS REFLEXOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.** Monografias Brasil Escola, Pedagogia, 2014/ Marcos de Freitas Santos. Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-discriminacao-racial-seus-reflexos-no-processo-ensino.htm>>. Acesso em: mar. 2018.

MOREIRA, Adilson. **O racismo tem o propósito de garantir vantagens ao grupo racial dominante.** – Set/Out, 2017. / Adilson Moreira. – Entrevista por Breno Tardeli. Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/971/o-racismo-tem-o-proposito-de-garantir-vantagens-ao-grupo-racial-dominante>. Acesso em: abr. 2018

COSTA; ALVES; SOUSA; PINHEIRO; SOUSA. **EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: DAS EXPERIÊNCIAS DE DIVERSIDADE NA ESCOLA À FORMAÇÃO DOCENTE.** – n.d., p. 4. Piauí-PI: Realize. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO_EV047_MD1_SA7_ID757_05052015152307.pdf> Acesso em: abr. 2018.

ZARPELON, Ana Paula Ruggini. **DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL: CONSCIÊNCIA NEGRA NA SALA DE AULA (PARTE 1).** – Nov, 2010. Alfabetização Consciente. Disponível em: <https://alfabetizacaoconsciente.blogspot.com.br/2010/11/diversidade-etnico-racial-consciencia.html>. Acesso em: abr. 2018.